



TEATRO
NACIONAL
S. JOAO

MOSTEIRO DE
SÃO BENTO DA VITÓRIA
29 JUN 2023

MUSIC4L MENTE

Ciclo de
concertos com
prelúdios
científicos

Schumann,
Poulenc,
Britten, Bruch



qui—19:00

Filipe Pinto-Ribeiro (piano)
Lars Anders Tomter (viola)
Christoffer Sundqvist (clarinete)

PRIMEIRA PARTE

Robert Schumann (1810-56)
— *Märchenerzählungen (Contos de Fadas)*, para clarinete viola e piano, op. 132

- I. Lebhaft, nicht zu schnell
- II. Lebhaft und sehr markiert
- III. Ruhiges Tempo, mit zartem Ausdruck
- IV. Lebhaft, sehr markiert

Francis Poulenc (1899-1963)
— Sonata para clarinete e piano, FP 184

- I. Allegro tristamente
- II. Romanza
- III. Allegro con fuoco

SEGUNDA PARTE

Benjamin Britten (1913-76)
— *Lachrymae: Reflections on a Song of John Dowland*, para viola e piano, op. 48

Max Bruch (1838-1920)
— Quatro peças para clarinete, viola e piano, op. 83 (seleção)

- n.º 6 – Nachtgesang: Andante con moto
- n.º 2 – Allegro con moto
- n.º 5 – Rumänische Melodie: Andante
- n.º 4 – Allegro agitato

prelúdio científico
Matemática e Música
Jorge Buescu

curadoria
Filipe Pinto-Ribeiro

coorganização
DSCH – Schostakovich Ensemble,
Ministério da Ciência, Tecnologia
e Ensino Superior, Teatro Nacional
São João

dur. aprox. 1:45
M/6 anos

NOTAS AO PROGRAMA

BERNARDO MARIANO*

Schumann

As *Märchenerzählungen* pertencem ao derradeiro fulgor criativo da vida de Schumann, suscitado pela alegria e entusiasmo do encontro na sua casa de Düsseldorf, em quase confluência, de Johannes Brahms¹ e dos amigos Joseph Joachim (violinista) e Albert Dietrich (compositor). O contacto com Brahms deu-se a partir de 1 de Outubro de 1853 e prolongar-se-ia mês fora, gerando a música e personalidade do jovem hamburguês um entusiasmo tal em Schumann que o levou não só a escrever o famoso artigo “Neue Bahnen”² na sua *Neue Zeitschrift für Musik*, como também lhe deu uma renovada vontade de compôr – e as *Märchenerzählungen* são fruto desse fértil Outono. Escritas entre nove e onze de Outubro, tiveram estreia (privada) na casa dos Schumann em Düsseldorf, a 23 de Outubro, com o excelente Johann Kochner no clarinete, Ruppert Becker³ na viola e Clara Schumann ao piano. Seriam editadas em Fevereiro de 1854 por Breitkopf & Härtel.

O título (*Contos de Fadas*) remete para o gosto romântico alemão por este tipo de histórias, cultivadas em ambiente doméstico, assim como muito provavelmente para a própria experiência de Schumann como contador, ele que era pai de sete filhos.

Trata-se no fundo de breves *peças de carácter* na forma tripartida (com uma secção central contrastante), com a exploração do contraste controlada pelo registo de pendor narrativo que as percorre e pela natureza cálida e velada dos timbres de clarinete e viola. Em termos de material, reconhece-se o procedimento cíclico (ou sugestivo da metamorfose motívica/temática) no modo como o tema inicial da peça n.º 1, bem como dois motivos que aí aparecem (um arpejo ascendente e um arabesco em fusas *staccato*), recorrem nas restantes peças, desse modo as unificando e emprestando coerência à colecção. Na peça n.º 1 reinam serenidade e delicadeza, a n.º 2 é mais enérgica e vital, a n.º 3 relembra-nos o Schumann das melodias de intensa e sentida poesia, ao passo que a n.º 4, com

a sua heróica nobreza de expressão, se assume como eficaz *peça de saída*.

Poulenc

Quando, no Verão de 1959, Poulenc escreve um *Lamento* para clarinete e piano à memória de Arthur Honegger⁴ (falecido em 1955), já tinha em mente uma sonata para esses instrumentos, mas só a completará em 1962. A estreia dá-se a 10 de Abril de 1963, no Carnegie Hall de Nova Iorque, por Benny Goodman (de quem partira a encomenda), acompanhado ao piano por Leonard Bernstein, substituindo Poulenc, falecido subitamente dez semanas antes, vítima de ataque cardíaco.

A sucessão de andamentos é rápido-lento-rápido, sendo que a *Romanza* central mais não é que o primitivo *Lamento*. O *Allegro tristamente*, provido de uma *Intrada* de efeito, é *nonchalant* e fluido (secção A), com uma secção central muito tranquila e com certos traços que prefiguram a *Romanza*. Um regresso abreviado de A precede uma sóbria coda. A *Romanza* é o coração emocional da obra, desenvolvendo um canto sereno e triste no clarinete, só pontualmente sobressaltado por um desenho de semifusas ascendentes. O piano mantém um acompanhamento que lembra a guitarra. Por fim, o *Allegro con fuoco*, como o título indica, é uma página brilhante e endiabrada, que parece querer recordar os bons velhos tempos de Les Six⁵ na Paris dos loucos anos 20. A secção B é mais meditativa, com uma melodia mais estável, de perfil descendente. Uma *reprise* abreviada retoma fragmentos de A e de B, antes de uma coda brincalhona.

Britten

A história desta obra começou em Nova Iorque, em 1949, com o encontro fortuito do casal Britten/Pears com o violetista William Primrose (1904-82). Impressionado com Primrose, Britten (cujo primeiro instrumento foi a viola) aliciou-o a participar na edição seguinte do seu Festival de Aldeburgh, mais lhe prometendo que escreveria para esse efeito uma obra que estrearia então. E assim aconteceu: Primrose compareceu e tocou em recital (transmitido pela BBC) na igreja paroquial de

Aldeburgh,⁶ a 20 de Junho de 1950, com Britten ao piano, estreando *Lachrymae – Reflections on a Song of John Dowland*.

Trata-se de um conjunto de nove variações sobre a canção “If my complaints could passions move”,⁷ do compositor maneirista John Dowland (c. 1563-1626). De notar que, na Variação 6, Britten cita igualmente a famosa “Flow my tears”,⁸ desse autor. Original, aqui, é Britten apresentar como “tema” uma citação apenas parcial da canção, reservando-a na sua integralidade para o final, após a sequência de variações.

É notável como nesta sequência Britten coloca tanta subtilidade e tão intenso conteúdo emocional. A referência a Dowland paira sobre toda a obra como uma assombração, uma presença que se “faz” fantasmagoria, dada a distância temporal de 350 anos. E é bem um Britten do seu tempo que aqui nos surge, com uma escrita declaradamente moderna, por vezes quase experimentalista (mormente nas três variações finais), “refrigerada” por momentâneos repousos (Variações 3 e 6). A exposição final, precedida de breve alusão ao início da obra, é toda ela em tom velado e harmonia mais simples, deixando uma impressão serena e tocante.

Bruch

A composição destas *Acht Stücke (Oito Peças)*, que deverão datar de 1908,⁹ foi suscitada pela arte clarinetística do seu filho, Max Felix (1884-1943), que então iniciava a sua carreira profissional;¹⁰ quiçá também pelo desaparecimento, no ano anterior, de Richard Mühlfeld,¹¹ com quem Max Felix era amiúde comparado. Foram editadas em 1910, por Simrock, com dedicatória à princesa Sophie zu Wied (1885-1936), eminente figura da vida musical berlinense, cujo *salon* em Potsdam Bruch decerto frequentaria.

O manuscrito original (de 1908, perdido) previa que três das peças incluíssem harpa: *Nachtgesang*, *Melodia Romena* e a peça n.º 3. Mas questões práticas levaram a que Bruch as revisse e integrasse a parte de harpa na textura pianística. De sua autoria é ainda o arranjo para violino da parte de clarinete e, por

sugestão do editor, do de viola para violoncelo, alargando bastante o universo potencial de compradores.

A inclusão de uma “melodia romena” é uma *hommage* de Bruch à dedicatória: Sophie tinha, por via materna, antepassados na nobreza romena (famílias Cantacuzino, Kallimaki, Ghica) e passara parte da juventude numa propriedade da família, perto de Bacău (Moldávia),¹² período em que estabeleceu estreita amizade com a sua tia por afinidade, Elisabeth zu Wied (1843-1916), rainha da Roménia desde 1881.¹³

Essa *Melodia Romena* abre com desenhos de harpa no piano, após o que se eleva uma melodia melancólica na viola, como uma *doina* (balada tradicional romena), com inflexões modais. Pegando na melodia, o clarinete dá-lhe uma feição mais fluida. A parte B é mais arrebatada e claramente germânica. O final é velado e escuro. *Nachtgesang* tem uma introdução a solo do piano, após o que o clarinete apresenta o tema 1, a seguir tomado pela viola. Pela mesma ordem, o tema 2, mais *appassionato*. Uma transição elaborada termina com uma breve *cadenza* do clarinete, regressando o tema 1, abreviado, e a coda, feita de fragmentos temáticos.

O *Allegro con moto* tem uma forma simples A-ponte-A'-coda, colocando clarinete e viola em permanente diálogo (e dueto), numa atmosfera que lembra Schumann e Brahms. O *Allegro agitato* (numa pequena forma sonata) é anguloso e tem carácter de *Scherzo* (tema 1), com um segundo tema mais sereno e solar, apresentado no clarinete. O piano fará a ponte para um curto desenvolvimento, antes de uma reexposição bastante livre. A coda é brilhante.

- 1 Brahms contava então uns meros 20 anos.
- 2 Em português, “Novas Vias”. Nesse artigo, publicado a 28 de Outubro de 1853, Schumann apresenta Brahms ao mundo, vaticinando que ele será o sucessor da estética e do caminho que ele próprio professa para a música alemã.
- 3 Concertino do Allgemeiner Musikverein de Düsseldorf (chamado para o cargo por Schumann, director musical municipal), Becker era visita muito frequente da casa dos Schumann.
- 4 Apesar de se conhecerem desde a juventude e da comum pertença ao “Grupo dos Seis”, Poulenc e Honegger nunca foram amigos nem mutuamente se admiraram senão nos dois anos finais de vida do suíço, quando este já estava doente. Na sua autobiografia, Poulenc dirá: “Ele achava a minha música demasiado ligeira e eu achava a dele demasiado pesada.”
- 5 Grupo heteróclito de compositores criado no imediato pós-Primeira Guerra Mundial por inspiração de Satie e Cocteau, reunia, para além de Poulenc e Honegger, Georges Auric, Louis Durey, Germaine Tailleferre e Darius Milhaud.
- 6 Outra fonte consultada indica que terá sido antes no Jubilee Hall.
- 7 Aparece como n.º 4 no seu *First Booke of Songes or Ayres*, editado em 1597.
- 8 N.º 2 do *Second Booke of Songes or Ayres*, de 1600.
- 9 Bruch contava então já 70 anos.
- 10 Max Felix viria mais tarde a enveredar por uma carreira na indústria discográfica, tornando-se o representante da Gramophone Company na Alemanha.
- 11 Clarinetista (1856-1907) da famosa Orquestra da Corte de Meiningen, cuja arte e sonoridade inspiraram as obras tardias de Brahms com clarinete (opp. 114, 115 e 120).
- 12 Onde aliás viveu os seus últimos anos, ali vindo a falecer.
- 13 Também escritora e poeta de relevo, sob o pseudónimo Carmen Sylva.

* Musicólogo.

Texto escrito com a grafia anterior ao novo acordo ortográfico.



Filipe Pinto-Ribeiro

É um dos grandes pianistas portugueses da atualidade e um dos que mais reconhecimento internacional conquistaram enquanto solista e músico de câmara. Diplomado e doutorado pelo Conservatório Tchaikovski de Moscovo, onde estudou com Lyudmila Roschina, encetou desde então uma carreira que o tem levado a apresentar-se nas mais conhecidas salas e com as principais orquestras portuguesas, e em alguns dos reputados palcos e séries de concertos da Europa e América do Norte. Momento importante no seu percurso foi a criação, em 2006, do DSCH – Schostakovich Ensemble (de que é diretor artístico), um agrupamento de geometria variável onde se tem reunido, ao longo dos últimos quase 20 anos, com muitos dos mais significativos músicos do nosso tempo para concertos um pouco por todo o mundo. Foi também a partir desse Ensemble que criou em 2015 o Festival e a Academia Verão Clássico, que se realiza anualmente em Lisboa, hoje um dos mais importantes festivais e academias musicais de verão do mundo. É também diretor artístico do Festival de Música dos Capuchos e do Bragança ClassicFest. Da sua discografia, destaque-se, a solo, o CD *Piano Seasons*, com obras de Tchaikovski, Carrapatoso e Piazzolla/Nisinman. Em música de câmara, a integral para piano e cordas de Schostakovich e um disco com Trios de Beethoven, todos editados pela Paraty/Harmonia Mundi. Recebeu da marca de pianos Steinway & Sons a distinção de Artista Steinway, em 2014.



Christoffer Sundqvist

Um dos principais clarinetistas da sua geração. A par das interpretações do repertório clássico, o músico finlandês é um embaixador da música nórdica contemporânea.

Compositores como Esa-Pekka Salonen, Erkki-Sven Tüür, Aulis Sallinen, Sebastian Fagerlund, Olli Korttekangas e Jukka Linkola escreveram para si. Apareceu como solista nas principais orquestras finlandesas e europeias, sob a direção de maestros como Jukka-Pekka Saraste, Esa-Pekka Salonen, Klaus Mäkelä, Sakari Oramo, Anna-Maria Helsing e Hannu Lintu. Como músico de câmara, apresenta-se assiduamente em festivais e temporadas, como os de Kuhmo, West Cork, Delft, Concertgebouw, Vinterfest e Helsínquia. A sua discografia inclui as gravações dos concertos para clarinete de Sebastian Fagerlund (Orquestra Sinfónica de Gotemburgo), Aulis Sallinen, Péter Eötvös e Carl Nielsen (Orquestra Sinfónica da Rádio Finlandesa) para as editoras BIS e Alba Records, que tiveram reconhecimento internacional e receberam o prémio EMMA. A Ondine Records gravou o concerto para clarinete de Erkki-Sven Tüür e o concerto duplo para violino e clarinete com Pekka Kuusisto e a Orquestra Sinfónica da Rádio Finlandesa. A cpo Records lançará em breve os quatro concertos para clarinete de Louis Spohr com a NDR Radiophilharmonie Hannover. Vencedor em 2002 do concurso Crusell Clarinet, é desde 2005 clarinete principal da Orquestra Sinfónica da Rádio Finlandesa e professor de clarinete na Academia Sibelius, em Helsínquia.



Lars Anders Tomter

Um dos violetistas mais destacados das últimas décadas. “O gigante da viola nórdica”, como lhe chamou a revista *The Strad*, nasceu em Hamar, na Noruega. A sua carreira internacional de solista começou em 1987, com uma digressão nos EUA e na Alemanha, com a Orquestra de Câmara Norueguesa. Desde então, as suas aparições foram aclamadas pelo público e crítica, em salas como Vienna Musikverein, Carnegie Hall, Wigmore Hall, Konzerthaus Berlin e Kölner Philharmonie. Foi solista das orquestras BBC Symphony, Royal Philharmonic Orchestra, City of Birmingham Symphony Orchestra, RSO Frankfurt, NDR Radiophilharmonie Hannover, Budapest Festival Orchestra, Filarmónica Nacional Húngara, Filarmónica da Rádio Holandesa, Sinfónica da Rádio Sueca, Filarmónica de Oslo, Filarmónica de Bergen e Sinfónica da Rádio Nacional Dinamarquesa, sob a direção de maestros como Marc Albrecht, Vladimir Ashkenazy, Sylvain Cambreling, Daniele Gatti, Krzysztof Penderecki, Jukka-Pekka Saraste, Yan Pascal Tortelier, entre outros. É convidado regular em grandes festivais, como BBC Proms, Lockenhaus, Kissingen Sommer, Musiktage Mondsee, Schleswig-Holstein, Schwetzingen, Styriarte ou Verbier. Foi diretor do Norwegian Risør Chamber Music Festival e é atualmente diretor artístico do Norwegian Fjord Classics Festival. O seu repertório inclui todas as principais obras contemporâneas. Gravou para as editoras Simax, Naxos, Virgin Classics, NMC, Somm e Chandos. É professor na Academia Superior de Música de Oslo e toca uma viola construída por Gasparo da Salò, em 1590.

PRELÚDIO CIENTÍFICO ENCONTROS ÍNTIMOS, RELAÇÕES FORTES

Como acontece quando as relações são íntimas, os encontros entre a Música e a Matemática são discretos: passam muitas vezes despercebidos, mas as relações dificilmente podiam ser mais fortes. Consonância e dissonância dependem de razões de números inteiros; o problema do temperamento reside na irracionalidade de uma raiz de dois; e a razão pela qual distinguimos um piano, um clarinete e uma viola está nas séries de Fourier, os desenvolvimentos matemáticos que explicam a teoria da harmonia. Encontros íntimos, relações fortes.

JORGE BUESCU

Licenciou-se em Física na Faculdade de Ciências de Lisboa, em 1986, concluiu o mestrado em Matemática no Instituto Superior Técnico, em 1991, e doutorou-se em Matemática na Universidade de Warwick, em 1995. Depois de duas décadas como professor do Departamento de Matemática do Instituto Superior Técnico, é atualmente Professor Associado com Agregação no Departamento de Matemática da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. Foi presidente da Sociedade Portuguesa de Matemática e é vice-presidente da European Mathematical Society. Autor de cerca de meia centena de trabalhos científicos publicados em revistas internacionais, em várias áreas da Matemática, e de mais de duas centenas de artigos pedagógicos e de divulgação científica, muitos deles nascidos da colaboração com a revista *Ingenium* da Ordem dos Engenheiros, onde mantém uma coluna regular há quase três décadas. Autor de mais de uma dezena de livros, da Matemática pura e dura à divulgação científica, passando pelo ensaio. O seu último livro intitula-se *Amor, Matemática e Outros Portentos* (Gradiva 2022). Recebeu o Prémio Rómulo de Carvalho de Investigação e Divulgação, foi nomeado membro correspondente da Ordem dos Engenheiros, eleito membro honorário da Real Sociedad Matemática Española e, em 2022, sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa.



produção executiva
Mónica Rocha

direção de palco
Emanuel Pina

adjunto do diretor de palco
Filipe Silva

direção de cena
Andrea Graf

luz
Filipe Pinheiro
coordenação
Adão Gonçalves
Alexandre Vieira
José Rodrigues
Nuno Gonçalves
Marcelo Ribeiro

maquinaria
Filipe Silva
coordenação
António Quaresma
Joel Santos
Jorge Silva
Lídio Pontes
Nuno Guedes
Paulo Ferreira

som
Joel Azevedo
coordenação
Leandro Leitão

vídeo
Hugo Moutinho

APOIO



AGRADECIMENTOS

Câmara Municipal do Porto
Polícia de Segurança Pública
Mr. Piano/Pianos Rui Macedo

Edição
Teatro Nacional São João

coordenação
Fátima Castro Silva

fotografia
Rita Carmo
(Filipe Pinto-Ribeiro)
Linda Tallroth-Paananen
(Christoffer Sundqvist)
Nicki Twang
(Lars Anders Tomter)

design gráfico
Pedro Nora

impressão
**Empresa Diário do
Porto, Lda.**

Não é permitido filmar,
gravar ou fotografar
durante o concerto. O uso
de telemóveis e outros
dispositivos eletrónicos é
incómodo, tanto para os
intérpretes como para os
espectadores.

O TNSI É MEMBRO



MECENAS DO TEATRO NACIONAL SÃO JOÃO

